

A TRANSCENDÊNCIA DO BEM EM PLATÃO

**Profa. Dra. Ir. Maria Celeste de Sousa*

Resumo

O tema “A transcendência do Bem em Platão” objetiva mostrar a primeira experiência transcendental que expressa a singularidade da Razão em busca do sentido, ou das razões que justificam a realidade. Para o desenvolvimento deste tema, foi necessário estabelecer o diálogo entre “o Platão escritor” e “o Platão professor”, ou seja, o debate platônico atual sobre a Ideia do Bem (tó Agathón). O artigo apresenta, portanto, como a Escola de Tübingen-Milão define a Ideia de Bem com base no limite presente no Diálogo República. Ele está dividido em três tópicos: 1) A transcendência do Bem na República; 2) A transcendência do Uno nas Doutrinas não escritas; 3) A transcendência como relação entre o Bem e o Uno.

Palavras-Chave

Platão. Transcendência. Bem. Escola de Tübingen-Milão. Doutrinas não escritas.

Résumé

Le thème “La transcendance du Bien en Platon” objectif montrer la première expérience transcendental que exprime la singularité de la Raizon à la recherche du sens, or de les raisons que justifient la existence humaine. Pour le développement de ce thème a été nécessaire fixer le dialogue entre “le Platon écrivain” et “le Platon professeur” or le debat platonique actuel sur l’Idéa du Bien (tó *Agathón*). L’article présente, comme l’École de Tübingen-Milão défine l’Idéa du Bien à partir de le limite présent en le Dialogue *Republique*. Il est divisé en trois sujets: 1) L’Idéa du Bien en la *Republique*; 2) L’Idéa du Bien en la Douctrines-non- écrités; 3) La rélation entre le Bien et L’Une.

Mots-clé

Platón. Transcendence. Bien. L’École du Tübingen-Milão. Douctrines non écrité.

1 - Introdução

O tema da transcendência continua persistente na reflexão filosófica enquanto uma inquirição sobre os fundamentos ontológicos que justificam a vida em comum e orientam a prática intersubjetiva. O desenvolvimento do tema encontra-se necessariamente com as origens da filosofia, especificamente com o modelo grego de analisar a realidade. É nosso interesse, portanto, dialogar com o pensamento platônico, a partir

da ótica da oralidade, isto é, pôr em questão a Ideia do Bem, enquanto princípio último da estrutura hierárquica platônica, a partir da nova interpretação que a Escola de Tübingen-Milão¹ faz sobre o tema.

Platão herda de Sócrates a problemática sobre a transcendência do Bem. Em seus Diálogos ele discorre várias vezes sobre a importância e necessidade desta intuição intelectual e aponta a ciência do Bem como fundamental para a compreensão da realidade, contudo, quando se trata de responder - o que é o Bem? - não se encontra nos Diálogos uma definição pontual sobre o seu status metafísico deixando um vácuo filosófico que chamou atenção dos pesquisadores das Escolas platônicas de Tübingen e de Milão. Segundo os maiores representantes destas escolas discorrer sobre a transcendência do Bem é contribuir para a verdadeira interpretação do pensamento de Platão.

O objetivo deste artigo é apresentar o debate que ocorreu nos últimos anos entre os platônicos sobre o paradigma interpretativo que os estudiosos devem ter no ato interpretativo desta filosofia e, especificamente, apresentar o posicionamento da Escola de Tübingen-Milão sobre a transcendência do Bem. O texto divide-se em três partes: 1) A transcendência do Bem na República - onde se discorrerá sobre a parcialidade platônica quando reflete sobre este tema nas obras escritas; 2) A transcendência do Uno nas "Doutrinas não escritas"² enfatizando a essência do Bem enquanto Uno; 3) A transcendência do Bem como relação entre o Bem e o Uno - se discorrerá sobre esta relação a partir das conclusões que os pesquisadores chegaram sobre a interrelação entre a doutrina escrita e a doutrina oral platônicas.

2 - A transcendência do Bem na *República*

¹ "Escola de Tübingen cujos representantes principais são H.-J. Krämer, Konrad Gaiser e Giovanni Reale da escola de Milão segundo a qual é necessário pôr as chamadas "doutrinas-não-escritas (ágrapha dógmata) no centro da exegese filosófica da obra escrita de Platão para que, desses textos, possa emergir em toda a sua grandeza a primeira e mais audaz construção metafísica da filosofia ocidental." (In Para uma nova interpretação de Platão, p XIII)

² A tradição nos legou duas imagens de Platão: o Platão dos Diálogos e das Cartas e o Platão das chamadas "doutrinas-não-escritas" (ágrapha dógmata) cuja fonte principal é Aristóteles, mas também alguns escritos como o Diálogo Fedro (274 b-278 e) e a Carta VII (341 B-344 D) que diz ser as coisas de mais valor: "o inteiro, ou seja, o todo; as coisas maiores; a natureza, ou seja, a realidade em seu fundamento; o bem; a verdade da virtude e do vício; e o falso e o verdadeiro de todo ser; as coisas mais sérias e os princípios primeiros e supremos da realidade." Ibidem.

O Diálogo *República* ocupa posição central no pensamento platônico, porque sintetiza as doutrinas dos *Diálogos* precedentes e reassume os resultados obtidos por estes. Sendo um tratado sobre a justiça (*Dikê*), este *Diálogo* contém a Conferência sobre o Bem, que revela a transcendência do Bem (*Agathón*) e a sua qualificação como princípio ontológico, gnosiológico e axiológico da realidade, na qual a justiça encontra o seu fundamento. Logo, sendo o Bem o núcleo deste *Diálogo*, como de toda a filosofia platônica, é importante compreender por que Platão trata desta relevante questão apenas parcialmente nos textos escritos.

A problemática do Bem, situada nos livros VI e VII da *República*, relaciona-se com a educação platônica do rei-filósofo. Platão expressa um plano educativo sobre a natureza do filósofo e a função que ele deve assumir dentro da cidade (*Pólis*). Ele acentua que as qualidades naturais do *philosophos* são a boa memória, a facilidade para aprender, a afinidade com a justiça, a coragem e a temperança.

Esta índole filosófica caracteriza a paixão do *philosophos* pelo conhecimento e pela verdade e sua determinação em ascender na contemplação do modelo luminoso do Bem, pois nele ele contempla “o verdadeiro absoluto e, depois de o contemplar com a maior atenção, reportar-se-lhe para instituir no mundo as leis do belo, do justo, do bom.”³ Logo, somente o filósofo, por ter uma índole boa e justa e, ao mesmo tempo, o conhecimento dos valores universais da justiça e da bondade, poderá ser o guardião da justa medida na *Pólis* e administrar com sabedoria os bens públicos.

A prática do amante da sabedoria na *Pólis* revela a sua aspiração natural ao sentido do Ser. É necessário que ele siga ardorosamente a sua busca, compreendendo a essência de cada coisa por meio da dialética, que o conduz incansavelmente até o princípio último, o Bem. Assim, ele terá uma “visão de conjunto” da verdadeira realidade e do vero conhecimento, e saboreia “a doçura e a felicidade que proporciona a posse da sabedoria. É feliz se consegue viver a sua vida neste mundo, isento da injustiça, com uma bela esperança.”⁴

A posse do conhecimento da verdade possibilita ao *philosophos* compreender que a organização da vida comunitária na *Polis* requer a

³ PLATÃO, *República*, VI, 484 c.

⁴ *Ibidem*, VI, 484 c.

instituição da Lei e da Ordem como condições para o bem-viver intersubjetivo. E, como bom administrador, ele procura imitá-las, na medida do possível, a fim de tornar a sua práxis a ela semelhante. Percebe-se, portanto, que, na visão platônica, a virtude filosófica tem seu fundamento na Ciência (*Episthémé*) e, só por meio do seu exercício, o filósofo é capaz de organizar a cidade (*Pólis*) com origem na luz oriunda do princípio último, que é a Ideia de Bem (*tó Agathón*).

A compreensão sobre a transcendência da ideia do Bem situada neste âmbito de educação filosófica e da sua práxis na *Polis* demonstra a intuição platônica em fundamentar a Política sobre a Ética e ambas em um princípio metafísico. Ele asseve: “é a ideia do Bem o mais alto dos conhecimentos, aquele do qual a justiça e as outras virtudes tiram a sua utilidade e as suas vantagens.”⁵

Segundo Thomas Szlezák⁶ a Ideia do Bem é o *Arché* da metafísica platônica. Como *Arché*, ela é no mundo inteligível a causa do ser das Ideias, conferindo-lhes a sua essência; conseqüentemente, é ela que fundamenta o “ser bom” e o “ser belo” de todas as coisas. Como princípio último, é evidente que o seu *status* metafísico está acima das Ideias em dignidade e poder e, ao mesmo tempo, ela confere o sentido à estrutura hierárquica platônica em seus níveis sensível e inteligível.

Se a Ideia do Bem é o primeiro princípio (*Arché*) e está no topo da metafísica platônica, qual é a natureza do Bem? Quando se trata de explicitar a essência do Bem, Platão, na *República*, restringe-se a dizer que a conhece, mas que, por ora, não vai se ocupar em demonstrá-la. Ele assinala: “não nos ocupemos por ora do que pode ser o bem em si, pois chegar a ele neste momento, tal como ele se me afigura, excede, a meu ver, o alcance do nosso esforço presente”.⁷

Este silêncio em torno da Essência do Bem na *República*, na interpretação de Giovanni Reale, mostra claramente que Platão não quer deixar por escrito a natureza do Bem-em-si, mas se limita ao que é necessário para a explicação do caráter ético-político, que é o objetivo do Diálogo. Quem escreve, todavia, sabe exatamente por que escreve e para quem escreve, logo, o que é dito, se ajusta à capacidade de compreensão dos ouvintes, uma vez que só os filósofos têm a capacidade de conhecer “as coisas de mais valor.” (*Timioteira*).

⁵ PLATÃO, República, 505 a.

⁶ SZLÉZAK, Thomas Alexander, La Idea Del Bien como arché na República de Platón, p. 87.

⁷ PLATÃO, República, 506 c - 507 a.

A explicação da natureza do Bem era, portanto, um tema desenvolvido pelo Platão professor, no interior da Academia, somente aos discípulos mais próximos que estavam preparados para percorrer a “longa via”, passando pelas Ciências Matemáticas e Dialéticas e avançando “às coisas do alto” até alcançarem a plenitude do conhecimento da essência do Bem.

Em razão do teor transcendente do Bem, esta árdua tarefa exigia um grande esforço de abstração, e, para isto, os ouvintes externos da Academia não estavam preparados. Daí a resistência platônica em deixar por escrito estas coisas tão preciosas, pelo receio de não ser compreendido como ele afirma claramente: “receio não ser capaz e, caso tenha a coragem de tentá-lo, ser coberto de risos por minha própria inépcia.”⁸ E resolve, decididamente, adiar a explicação da natureza do Bem, tratando, no presente momento, somente do filho do Bem: “Recebei, entretanto, este filho, este rebento do bem em si.”⁹

Para explicar este “filho” ou “rebento” do Bem, Platão faz uma retrospectiva à Teoria das Ideias, com suporte no problema do “uno” e dos “muitos”, explicando como este sistema sintetiza uma multiplicidade de ideias em unidade. Ele diz: “E chamamos belo em si, bem em si e assim por diante, o ser real de cada uma das coisas que colocávamos de início como múltiplas, mas que alinhamos em seguida sob a sua ideia própria, postulando a unidade desta.”¹⁰

O ponto de partida para a ascensão ao inteligível é justamente esta unidade-da-multiplicidade das coisas sensíveis na unidade correspondente a cada uma, segundo o esquema bipolar multiplicidade-unidade. A multiplicidade sensível é captável pelos órgãos dos sentidos, enquanto a unidade ideal é captável apenas pelo pensamento. Platão estabelece, contudo, uma diferença na forma de apreensão da multiplicidade entre os outros órgãos dos sentidos e a visão, pois, entre a visão e o seu objeto, o visível, existe o terceiro elemento, que é a luz.

Ele assevera:

Admitindo que os olhos sejam dotados da faculdade de ver, que o possuidor desta faculdade se esforça por servir-se dela e que os objetos aos quais ele se aplica sejam coloridos, se não se intervier um terceiro

⁸ Ibidem, 506 c - 507 a.

⁹ PLATÃO, República, 506 c - 507 a.

¹⁰ Ibidem, 507 a.

elemento, destinado precisamente a este fim, bem sabes que a vista nada perceberá e que as cores são invisíveis.¹¹

Ora, a fonte da luz é o Sol, contudo, a visão não coincide com o Sol, apenas é, entre os órgãos dos sentidos, o que mais se lhe assemelha, bem como recebe dele o seu poder de ver as coisas, e, uma vez, podendo ver, a visão pode também ver o seu autor, o Sol.

Platão utiliza a imagem do Sol para falar do Bem. Assim como o Sol, no plano sensível, favorece o poder de ver; o Bem, de forma análoga exerce a função de iluminar a inteligência no plano inteligível. E, uma vez a alma fixando o seu olhar sobre aquilo que a verdade e o ser iluminam, ela compreende a realidade inteligível na sua estrutura própria, libertando-se da escravidão oferecida pela opinião (*Doxa*) e alcançando a verdadeira ciência (*Episthème*).

Platão compara analogicamente a imagem do Sol ao filho do Bem e, então, enfatiza a verdadeira função do pai: “confessa, portanto, que aquilo que difunde a luz da verdade sobre os objetos do conhecimento e confere ao sujeito conhecedor o poder de conhecer, é a ciência do bem; visto que é ela o princípio da ciência da verdade, podes concebê-la como objeto do conhecimento”.¹²

É evidente, pois que, Platão constitui a Ciência do Bem, que unifica metafisicamente toda a realidade e, ao mesmo tempo, diferencia a verdade e o conhecimento da Ideia do Bem que está acima delas e é muito mais belo. Ele diz:

como no mundo visível, é certo pensar que a luz e a vista são semelhantes ao sol, do mesmo modo, no mundo inteligível, é justo pensar que a ciência e a verdade são, ambas semelhantes ao bem, mas falso acreditar que uma e outra sejam o bem; a natureza do bem há de ser considerada muito preciosa. Sua beleza está acima de toda expressão se é que produz a ciência e a verdade e se é ainda mais belo do que elas.¹³

Com esta linguagem figurativa, Platão ensina que, assim como o Sol é a fonte da geração, o Bem é o princípio do Ser. Aquele que dá é diferente e superior à coisa dada; logo, o ser, isto é, a *ousía*, ou a mistura entre o limite e o ilimitado, é inferior ao seu Princípio (*Arché*) ou o Bem.

¹¹ Ibidem, 507 d - 508 a.

¹² Ibidem, 508 e.

¹³ Ibidem, 508 e - 509 b.

Segundo esta passagem central da *República*, Platão deixa claro o caráter transcendente e fundante do Bem. Ele fundamenta a axiologia, quando diz o que é a virtude (*Arete*); fundamenta a gnosiologia, quando é visto como causa que dá ao intelecto a faculdade de conhecer, e ao mesmo tempo é a causa da cognoscibilidade das coisas conhecidas; e, por fim, é visto como o fundamento ontológico, quando é a causa do ser e da essência. Platão no entanto apenas cita esta fundamentação sem, contudo, explicar como e o por quê.

O motivo deste silêncio platônico diante de uma teoria significativa como a Idéia do Bem (*tó Agathón*) é, consoante Giovanni Reale, a decisão em confiar à oralidade a verdadeira explicitação sobre a essência do Bem. Reale assinala:

[...] “essas passagens da República representam, em certo sentido, a ponta de um iceberg, isto é, o emergir de uma parte das “Doutrinas não-escritas”, apenas vislumbradas nos escritos, e cuja consistência e estatura só podem ser extraídas dos ‘socorros’ oferecidos pela tradição indireta.”¹⁴

Esta é a atitude filosófica assumida pelos pesquisadores da Escola Platônica de Tübingen-Milão, que defendem um novo paradigma interpretativo da filosofia platônica e adentram a pesquisa sobre a essência do Bem.

3 - A transcendência do Uno nas “Doutrinas não escritas” (*Ágrapha dógmata*).

Em razão da dificuldade encontrada por Platão em deixar por escrito a essência do Bem, o novo paradigma hermenêutico platônico da Escola de Tübingen-Milão ressalta que “as coisas de mais valor” (*Timiotera*), como refere o Diálogo *Fedro*¹⁵, só podiam ser comunicadas oralmente ao pequeno ciclo dos discípulos no interior da Academia, porque sua explicação contrastava com a concepção de Bem que tinha o grande público. Este esperava ouvir Platão dizer que o Bem era possuir riquezas, ter saúde, poder, força etc. e não coisas matemáticas, números, Geometria, como explicitava Platão.

¹⁴ REALE, Para uma Nova Interpretação de Platão, p. 256.

¹⁵ “O filósofo só é verdadeiramente tal tão somente e na medida em que não confia aos escritos, e sim ao discurso oral as coisas de mais valor.” (in Reale, História da Filosofia Antiga, p 15).

Este fato constatado demonstra que os Escritos não representam para Platão a expressão plena e ato comunicativo mais significativo de sua filosofia, nem se pode extrair deles todo o seu pensamento, como pensava Schleiermacher¹⁶. Eles necessitam das “Doutrinas não escritas” (*Ágrapha dógmata*) para a sua completa compreensão.

Daí o empenho dos filósofos tubingenses em pesquisar, formular, aprofundar e construir um novo paradigma hermenêutico¹⁷ arrimado nas “Doutrinas não escritas” presentes na tradição indireta, mostrando como estas se referem aos aspectos últimos explicativos da transcendência platônica e que, portanto, estão na base do pensamento escrito, complementando-os exatamente nos pontos problemáticos, porque possibilitam uma releitura unitária e sistemática da metafísica Platonista.

Um dos pontos que mais chamou a atenção destes filósofos foi o tema do Bem. Depois de várias pesquisas, aprofundamento dos testemunhos sobre as “Doutrinas não escritas”, eles chegaram à conclusão de que a essência do Bem (*Agathón*) era o princípio ensinado oralmente, isto é, o Uno (*Hen*). Eles se apoiaram, entre outros, no testemunho de Aristóteles, na *Metafísica*:

Platão atribuiu a causa do Bem ao primeiro dos seus elementos e atribuiu a do mal ao outro. Entre os que afirmam a existência de substâncias imóveis, alguns dizem que o próprio Uno é o Bem em si; certamente estes consideram que a essência dele era o Uno.¹⁸

Ora, se no vértice da estrutura hierárquica platônica existe uma unidade, o Uno, para os tubingenses desponta a novidade de uma ulterior teoria, que não está escrita, mas que era conhecida oralmente pelos discípulos. Esta teoria contém a revelação daquelas “coisas de mais

¹⁶ F. Schleiermacher, de 1804 a 1828 preparou uma imponente tradução de Platão (...). Esse grande empreendimento apresentava uma nova imagem de Platão. Segundo ele: a) Os escritos platônicos são autárquicos na sua totalidade ou em grande parte. b) Dos escritos se extrai uma unidade de sistema filosófico; c) a tradição indireta não tem valor, ou tem valor apenas parcial. (in Reale, Para uma nova interpretação de Platão, p 51).

¹⁷ “(...) o novo paradigma alternativo (...) subverte os pontos firmes do paradigma tradicional e, portanto, opera uma “revolução”: a) Os escritos platônicos não são autárquicos nem na sua totalidade nem em parte. b) Dos escritos não se depreende uma unidade, porque esta se encontra subjacente a eles, enquanto é confiada à dimensão da oralidade dialética. c) A tradição indireta, que nos transmite as doutrinas-não-escritas, oferece a chave para uma releitura unitária e sistemática dos escritos de Platão no seu conjunto. (Ibidem).

¹⁸ Aristóteles, *Metafísica* N 4 1091b 13-15.

valor” que explicitam a relação de multiplicidade e de unidade além daquela que Platão demonstrara por meio da Teoria das Ideias.

Então, era preciso reaver esta novidade presente nas “Doutrinas não escritas” (*Ágrapha dógmata*) sobre a transcendência do Bem-Uno, para que o *Corpus platonicum* fosse visto em sua totalidade pela união entre o escrito e o não escrito. Esta é a contribuição que a Escola de Tübingen-Milão traz para a história do pensamento por intermédio da Teoria dos Primeiros Princípios.

O ponto de partida para o desenvolvimento da Teoria dos Primeiros Princípios é a Teoria das Ideias presente no Diálogo *Fédon* (96a -102b). Nessa teoria, Platão faz a ultrapassagem metafísica, centralizando na “Ideia” a essência da multiplicidade sensível e vendo-a como causa das coisas ou “ser” real. A primeira unificação, porém não é suficiente para explicitar a metafísica platônica, porque para os tuingenses, no plano inteligível, as “Ideias” são muitas, e isto implica a necessidade de ulterior unificação sob o Uno absoluto.

Esta necessidade já está expressa no texto da *República* quando Platão dialoga com Glauco sobre a dignidade do Bem, transposto à essência do “ser” e utiliza um termo emblemático, isto é, o nome de um deus que para os antigos simbolizavam o Uno: “*Apolo! Que divina superioridade!*”¹⁹ Posteriormente, Plotino confirma este mesmo costume quando mostra o significado do termo Apolo, dizendo: “Provavelmente esse nome ‘Uno’ significa supressão relativamente ao múltiplo. Por esta razão também os pitagóricos entre si o chamavam simbolicamente Apolo, pela negação dos muitos.”²⁰

Como chegar, no entanto, a esta unidade absoluta se o Diálogo *República* apenas cita, mas não explica a essência do Bem, ou seja, não diz “como” o Bem é o Uno? Para os filósofos Krämer, Gaiser e Reale, a reflexão deve partir das categorias fundamentais da espiritualidade grega: a “ordem” (*táxis*), a “medida” (*métron*), o “justo meio” (*mesôtês*), o “bem” (*agathón*) e o “belo” (*kallón*). Platão conduz estas categorias ao mais elevado nível conceitual por via da Teoria dos Primeiros Princípios - o Uno (princípio de determinação formal) e a Díade (princípio de variabilidade infinita).

¹⁹ PLATÃO, *República* VI, 509 c.

²⁰ PLOTINO, *Enéadas* V, 5,6.

Na intelecção desses pesquisadores, Platão faz uma estreita conexão entre a Metafísica e a Matemática mediante a doutrina das Ideias-Números, modelos ideais, ou essências dos números matemáticos. Por exemplo, o Dois como essência da Dualidade, o Três como essência da Trilateralidade etc. Estas Ideias são os primeiros princípios derivados do Uno e da Díade e por isso constituem “de forma originária, isto é, paradigmática aquela estrutura sintética de unidade-na-multiplicidade que caracteriza os diferentes planos do real e todos os entes em todos os níveis.”²¹

Giovanni Reale explicita esta teoria, dizendo que, para os gregos, o número significa relação, *logos*. Assim, cada ideia no plano inteligível ocupa uma posição de acordo com sua maior ou menor universalidade e de conformidade às relações matemáticas estabelecidas com as outras ideias que estão abaixo ou acima delas. Ele demarca:

As relações matemáticas são o pensamento imutável, e por esta razão são, para Platão, o verdadeiro ser que permanece em qualquer diferença ou mudança de qualquer coisa individual. Assim na sinfonia dos primeiros números, está originariamente todo o mundo.²²

Além disso, Platão distingue as naturezas quantitativa dos números matemáticos e a qualitativa dos números ideais, o que permite compreender a estrutura hierárquica do mundo inteligível, que sobe do plano físico ao metafísico, passando pelos entes matemáticos, as Ideias, as Meta-ideias e os Números Ideais até chegar aos Princípios. Esta é a ação da Inteligência Demiúrgica realizando a síntese entre o sensível e o inteligível e estabelecendo o bom, o belo e o melhor com suporte nas orientações ideais que recebe dos Primeiros Princípios.

Aristóteles confirma esta doutrina platônica, quando assere na Metafísica:

Porque as Formas (=Ideias) são causas das outras coisas (primeiro nível), Platão considerou que os elementos constitutivos das Formas fossem os elementos de todos os seres. Como elemento material das Formas (=Ideias) ele punha o Grande e o Pequeno, e como causa formal o Uno (segundo nível).²³

²¹ REALE, Para uma nova interpretação de Platão, pp 167-168.

²² Ibidem, p 171.

²³ ARISTÓTELES, Metafísica A 6, 987 18-21.

Por que dois princípios originários na origem da estrutura metafísica platônica? Para os tubingenses, Platão queria responder ao problema metafísico grego que investigava a questão: “*por que e como do Uno derivam os muitos?*” Por conseguinte, Platão, procura justificar radicalmente a multiplicidade segundo um esquema metafísico bipolar de pensamento.

A forma polar de pensamento vê, concebe, modela e organiza o mundo como unidade em dupla de contrários intimamente ligados, de tal forma que um polo, perdendo o polo oposto perderia o seu sentido. Isto significa, segundo Giovanni Reale, que os dois contrários e o eixo que os separa e liga

[...] são partes de uma unidade maior que não é definível exclusivamente com bases neles, para exprimir em termos geométricos, eles são pontos de uma esfera perfeita em si. Esta forma polar de pensamento informa necessariamente toda a objetivação do pensamento grego.²⁴

Como se nota, estes pesquisadores mostram que, para que se tenha uma visão total da filosofia de Platão é necessário ascender ao topo da metafísica e, portanto, os “socorros” dados pelas “Doutrinas não escritas” (*Ágrapha dógmata*) não podem ser negligenciados. Estas informam sobre a essência do Bem como Uno e mostram como a Teoria das Ideias no nível inteligível conserva ainda o caráter de multiplicidade, incorrendo a ulterior unificação sob o Uno absoluto.

Ora, se a função metafísica fundadora do Bem (*Agathón*) é unir, a Inteligência como instrumento unificador do múltiplo, em todos os níveis da realidade manifesta o Bem em três valências ontológicas, a saber:

1) ele é fundamento do ser, porque “O Uno, agindo sobre o múltiplo ilimitado, o de-termina, o de-limita, o ordena e, portanto, o unifica, produzindo, desse modo, os entes (o ser) em vários níveis.”²⁵

2) ele é fundamento da verdade, porque “o que é de-limitado, de-terminado e ordenado é estruturalmente cognoscível. Portanto, unidade, limite e ordem são fundamento da cognoscibilidade...”²⁶;

²⁴ REALE, Para uma nova interpretação de Platão, p 201.

²⁵ Ibidem, p 181.

²⁶ Ibidem, p 181.

3) E ele é fundamento do valor porque “produz ordem e estabilidade e, portanto valor. De fato, o que é ordenado, harmonioso e estável é também bom e belo...”²⁷

Esta manifestação do Bem por meio da unidade realizada pela Inteligência mostra o caráter estrutural que ocupa o Princípio último. Ele está acima do Ser (*Ousia*) ou substância porque o Ser é uma mistura dos dois Princípios Uno e Díade. O Bem definido como Uno, sendo a condição do Ser, não é Ser e se diferencia metafisicamente do modo estrutural do condicionado.

Uma vez esclarecida a valência metafísica do Bem como Uno, desponta a seguinte indagação: como se dá a passagem da Ideia ao Princípio último para que se tenha a clareza necessária da relação entre o Bem e o Uno? Quem responde a pergunta é Krämer, como veremos a seguir.

4 - A transcendência do Bem como relação entre o Bem e o Uno

Como ensina Krämer²⁸, para se chegar ao *topos* da transcendência platônica e definir a essência do Bem como Uno, é preciso compreender como sucede a passagem da Ideia ao Bem. Para isso é preciso descobrir de que modo ocorre a elevação dialética na pirâmide do gênero, e, também, explicar a aporia que se expressa na definição do Bem.

Ele inicia sua explicação, refletindo sobre a passagem da Ideia ao Princípio presente no texto da *República* 511 b 8. Nela, Platão mostra claramente o caráter dependente da Ideia ao Princípio do Bem. Platão assevera:

Compreende agora que entendo por segunda divisão do mundo inteligível a que a própria razão atinge pelo poder da dialética, formulando hipóteses que ela não considera princípios, mas realmente hipóteses, isto é, pontos de partida e trampolins para elevar-se até o princípio universal que já não pressupõe condição alguma; uma vez apreendido este princípio, ele se apegua a todas as consequências que dele dependem e desce assim até a conclusão, sem recorrer a nenhum dado sensível, mas tão-somente às ideias, pelas quais procede e às quais chega.

²⁷ Ibidem, p 181.

²⁸ KRÄMER, Dialética e definizione del Bene in Platone-interpretazione e comentario Storico-filosofico di “Repubblica VII, 534 B3 - D2, Milano: Vita e Pensiero, 1989.

O primeiro ponto que se infere na reflexão de Krämer é a dependência das Ideias ao Princípio universal, para a definição da essência do Bem. Ele sugere que esta citação refere-se, de fato, ao supremo e universalíssimo gênero, que são as Meta-ideias do Quietos e do Movimento, da Semelhança e da Dessemelhança, da Igualdade e da Desigualdade.

Se esta hipótese é verdadeira, a definição do Bem, presente em A República 534 b implica uma elevação abstrativa do gênero supremo ao Princípio anipotético, isto é, ao Bem. Platão garante:

[...] quem não é capaz de definir a Ideia do Bem com o raciocínio, abstraindo-a de todas as outras, e passando como num combate por todas as objeções, desejando funda-la não segundo a opinião, mas segundo a essência, atravessando tudo isso com raciocínio inatacável, não dirás que este não conhece nem o Bem-em-si nem alguma coisa boa.

Para fundamentar a sua hipótese, Krämer diz que Aristóteles no livro M da *Metafísica* fala justamente sobre a relação entre as Ideias e o Princípio, por intermédio do gênero. Ele diz:

Procuram explicar isto dizendo que os números até 10 formam uma série completa, ou pelo menos, é dentro da década que geram todos os derivados: o vazio, a proporção, o ímpar, etc. Atribuem à ação dos Princípios certas coisas como o bem e o mal, o movimento e o repouso, enquanto outras resultam dos números.

Continuando a argumentação, Krämer²⁹ assevera ainda que, nos livros I e K da *Metafísica*, Aristóteles relaciona estes gêneros aos Princípios do Uno e da Díade, quando situa abaixo do Uno os gêneros: Quietos, Identidade, Igualdade e Semelhança, e, abaixo da Díade, os correspondentes contrários, o que nos leva a se acreditar que a elevação dialética da *República* através da “entidade dependente” ao Princípio anipotético se realiza através do ensinamento oral.

Entre os gêneros supremos citados, Krämer ainda chama a atenção sobre a Identidade, exprimindo que Aristóteles no livro Δ a identifica como um modo de ser da Unidade³⁰. Assim, o gênero supremo da Unidade, sendo superior aos outros gêneros, é comum ao gênero último, sem, contudo, coincidir com ele, porque ele é o puro fundamento,

²⁹ Ibidem, p. 43.

³⁰ Ibidem, pp 43-44.

presente na abstração dialético-sinótica que é justamente o que a *República* 534 b solicita para o Bem.³¹

Portanto, para Krämer, só por intermédio da oralidade dialética, é possível compreender a transcendência do Bem-Uno e seu *status* metafísico que Platão quis ocultar no *Diálogo*, quando não discorreu por escrito sobre o Bem-em-si, todavia, os discípulos sabiam muito bem, como assevera Aristóteles, que a essência do Bem é o Uno.

Agora, é importante refletir como o princípio Uno era entendido no interior da Academia. O argumento de Krämer apoia-se no testemunho aristotélico presente no livro M da *Metafísica*, ao acentuar que o princípio Uno tinha dois significados - Forma ou Substância, Elemento ou Matéria³² - em razão do movimento duplo do método dialético platônico que era generalizante e conducente ao elementar. Então Krämer chama a atenção para o vocábulo “separação” utilizado por Platão no *Diálogo República* quando ele acena para a transcendência do Bem acima das Ideias.

Na sua interpretação, a palavra “separação” é um termo técnico da dialética platônica que conduz à exposição do Princípio³³, de forma generalizante ou de forma conducente à primariedade, como confirma Aristóteles³⁴ na *Metafísica*, dizendo que, semelhante ao matemático que alcança o seu objetivo abstraindo das coisas físicas, o filósofo por indução ascende da sensibilidade à propriedade universal do ser, e chega ao fundamento último.

Ambos exercem um processo abstrativo que em medidas crescentes, ascendem aos Princípios em grau sempre maior para a realidade mais simples, mais exata. E daí, eles descem numa medida adicional aos números mais baixos, confirmando o duplo *status* dos Princípios, que segundo Reale são “*elementa prima e genera generalíssima*”. Desta forma, fica esclarecida a transcendência do Bem e o seu *status* metafísico de Princípio último, acima de toda estrutura hierárquica da realidade e conferindo-lhe o sentido.

Após esta longa inquirição metafísica sobre a transcendência do Bem, Krämer considera que a definição do Bem se adequa ao conceito

³¹ Ibidem, p. 44.

³² Ibidem, p. 47.

³³ Ibidem, p. 48.

³⁴ Ibidem, p. 58.

presente na Tradição Indireta presente nas “Doutrinas-não-escritas”, isto é, que a essência do Bem é o Uno, como visto anteriormente.

Com o intuito de tornar mais claro o seu argumento, Krämer assevera que esta definição de que o Bem é o Uno necessita ainda de um último esclarecimento, a fim de que se possa compreender definitivamente, o seu verdadeiro significado; ele pretende esclarecer a *aporia* que se mostra no interior do método dialético, pois se o Princípio é o último, ou o primeiro, ele não se deixa mais definir com base num gênero ulterior, uma vez que é o mais universal e o mais simples. Desta forma, o Uno pode ser compreendido como um inteiro indivisível que não se deixa mais delimitar. Na *República*, no entanto Platão supõe a definibilidade do Bem.

O problema da não definição do real último se fazia presente também no interior da Academia. E como não é possível se saber de imediato a definição desta realidade última, Krämer propõe que se caminhe com origem naquilo que ela não é, ou seja, não se há de definir o Bem desde o alto, mas de baixo, da derivação. Esta era a característica da metafísica acadêmica do elemento, como testemunha Aristóteles, dizendo que o Uno é medida, unidade fundamental que determina uma multiplicidade, e isto vale, em primeiro lugar, para o âmbito da sensibilidade, na vida cotidiana, por intermédio do número, que constitui a medida mais perfeita.

Ora, a Medida Primeira é o elemento fundamental, o mais simples em um âmbito de ser, de forma que não pode ser dividido. Não se entende, porém o Uno em todos os sentidos como indivisível porque, se assim fora, não haveria realidade empírica. Portanto, o Uno só é indivisível na medida matemática fundamental, ou primeira medida, que é a chamada exata, porque não necessita de uma ulterior redução. Logo, a definição do Princípio como medida exata, implica a determinação da absoluta indivisibilidade³⁵. Diz Krämer, contudo, que isto só demonstra de que coisa o Uno é princípio e elemento, uma vez que relaciona o Princípio com o mundo sensível.

Semelhantemente, a metafísica de perfil acadêmico também definia o Uno como Princípio de tudo, com procedência no modelo matemático, pois, neste sentido, ele é a primeira medida do Número Ideal e da Ideia-Número, o que equivale dizer que ele é a “Medida Exatíssima”, a meta-ideia, que está acima do número matemático e do qual são derivados

³⁵ Ibidem, p. 60.

todos os números³⁶. Portanto, é válido dizer que por Uno como Princípio vale a definição de “Medida Exatíssima” do número ideal, do qual se deriva todo o restante da multiplicidade.

Enfim, é possível estabelecer o nexu estrutural entre o Bem e o Uno, que confere a sua transcendência sobre toda a realidade e, ao mesmo tempo o seu *status* metafísico de Princípio último. A escola de Tübingen-Milão comprova que o Bem platônico presente no texto da *República* encontra o seu decisivo e concreto sustento na doutrina oral³⁷, ou seja, no Uno. E Krämer mostra, claramente, que a definição do Bem e do Uno é, segundo Platão³⁸, a “Medida Exatíssima”. O Bem-Uno é Princípio e medida de todas as coisas. Esta era a verdade oculta por Platão na *República*, mas revelada pelas “Doutrinas não-escritas”.

5 - Conclusão

A pesquisa sobre a transcendência do Bem em Platão com arrimo na teoria socrática do princípio presente na *República* e da teoria platônica dos princípios nas *Ágrapha dógmata* conduz às considerações delineadas na sequência.

A teoria socrática do princípio na *República* mostra como Platão ascendeu metafisicamente até a Ideia do Bem estabelecendo-a como o conhecimento mais alto, verdadeiro e totalizante, fundamento último da hierarquia do real. Já a teoria platônica dos princípios da tradição indireta mostra como Platão trabalhou oralmente a dialética mediante a relação entre a Metafísica e a Matemática pela Teoria das Ideias-Números.

As duas teorias se complementam, possibilitando a percepção da centralidade da Ideia do Bem-Uno e a sua transcendência na metafísica platônica. Então, a afirmação dos filósofos tuinguenses relativa à necessidade de um novo paradigma interpretativo platônico, em que a tradição indireta complementa a tradição escrita, parece consistente. Observa-se que as diferenças existentes entre as duas teorias são apenas de caráter pedagógico. Platão, sabiamente, ensina aos discípulos suas doutrinas na “justa medida”, a fim de eles aprenderem a ser um *philosophos*.

³⁶ Ibidem, p. 60.

³⁷ Ibidem, p. 61.

³⁸ Ibidem, p. 62.

Thomas Szlezák³⁹ enriquece a reflexão, quando discorre sobre a ação educativa platônica nas diferenças das duas teorias quanto ao *Arché*, à teoria dos dois princípios, à teoria das Ideias-Números e à Teoria dos “Doutrinas não-escritas”.

Quanto à visão do Bem como *Arché*, constata-se que a única diferença é que o fato de o Platão-escritor renunciado conscientemente à transmissão por escrito da essência do Bem, deixando ao Platão-professor a exposição clara de que sua essência era a unidade última, isto é, o Uno.

Quanto à Teoria dos Dois Princípios, não há um “monismo contra dualismo” quando a teoria socrática fala apenas do Bem e a teoria indireta dos dois princípios Bem-Uno e da Díade Indeterminada, pois no livro II da *República*, Sócrates expressa que o Bem não é a causa de todas as coisas, logo, ele não é a causa do mal.

Quanto à Teoria das Ideias-Números, a teoria socrática não fala das Ideias-Números expressas pela tradição indireta, contudo, Platão, na *República* 511 b 8, faz menção às coisas que dependem do Bem que poderiam ser, entre outras, as Ideias-Números.

Quanto às “Doutrinas não-escritas”, na *República*, Platão assevera a necessidade do filósofo de conhecer a realidade transcendental, isto é, o Bem e, ao mesmo tempo, limita o processo dialético somente à finalidade da justiça, logo, “não é a intenção da figura principal da *República* expor exaustivamente suas próprias opiniões sobre os princípios.”⁴⁰ Sócrates não necessita das “Doutrinas não-escritas” para falar sobre o Estado ideal. Não deixa de mencionar, no entanto, a necessidade do filósofo de percorrer o caminho mais longo da dialética para chegar ao topo da Metafísica ou para contemplar o Bem-Uno. Apesar das dificuldades em se estabelecer a estrutura hierárquica da protologia e o movimento dialético que percorre por meio da doutrina das Ideias-Números, é inegável que os filósofos tubingueses deram grande contribuição ao pensamento ocidental, favorecendo uma visão mais completa sobre a Teoria do Bem em Platão.

O filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz acentua que

[...] permanece fora de dúvida que a utilização dos testemunhos transmitidos até nós acerca do ensinamento oral de Platão, leva-nos a

³⁹ SZLEZÁK, La Idea Del Bien como arché en la República de Platón, pp. 95-96.

⁴⁰ Ibidem, p. 96.

reconhecer no fundador da Academia o maior dos metafísicos da tradição ocidental.⁴¹

Logo, a pesquisa da Escola Platônica de Tübingen-Milão sobre a Teoria dos Princípios complementa a Metafísica sistemática platônica, que é a primeira experiência de transcendência da história. Platão, ao desenvolver o método dialético como ascensão da mente para “as coisas do alto”, erigiu o primeiro modelo de um conhecimento que tende para o absoluto e lançou as sementes de uma espiritualidade que transgride o empírico e abre horizontes cada vez mais profundos para explicitação do humano.

Este horizonte transcendental metafísico e ético constitui paradigma universal que tem como *télos*, a Ideia do Bem como a realização plena dos homens em todos os níveis de sua existência. Assim, Platão desenvolve uma proposta para o bem-viver. O homem virtuoso tende a buscar a “justa medida” do que tende ao excesso ou à falta, seja na vida individual, seja na vida social. Essa “justa-medida” é uma expressão da correlação estrutural que Platão faz entre a Razão e a Liberdade, uma vez que a práxis deve buscar o melhor.

Enfim, considera-se que talvez esta intuição platônica do Bem como fundamento do pensamento e da ação humanos, na aurora da tradição ocidental, não esteja totalmente ultrapassada, mas ela continua pulsando no coração da cultura como um convite a repensar a nossa realidade.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES, *Metafísica* (Tradução de Leonel Vallandro) Portão Alegre, Globo, 1969.

PLATÃO, *República*, (introdução e notas de Robert Baccou. Tradução de J. Guinsburg), 2º volume, 2ª Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

PLOTINO, *Enéadas V*. Introdução, tradução e comentário: José Carlos Baracat Júnior, Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

KRÄMER, Hans –*Dialética e definizione del Bene in Platone*– interpretazione e commentario Storico-filosófico di “Republica” VII,534 b 3-d 2 (Introduzione di Giovanni Reale), Milano: Vita e Pensiero, 1989.

⁴¹ VAZ, Henrique de Cláudio Lima, A nova imagem de Platão, p. 402.

REALE, G. *Para uma nova interpretação de Platão*, Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas-não-escritas”. Tradutor Marcelo Perine, São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. *História da Filosofia Antiga I*, (Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz – Marcelo Perine) São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SZLEZÁK, Thomas Alexander, *La Idea del Bien como arché em la República*, in Los Símbolos de la República VI-VII de Platón, Pontificia Universidad Católica del Peru: Fondo Editorial, 2003.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima, *Transcendência: experiência histórica e interpretação filosófico-teológica*, in *Tempo Brasileiro*, vol. 112, 1962.

_____. A nova imagem de Platão. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, CES: Loyola, v. 23, n. 74, p. 399-404, 1996.

**Profa. Dra. Ir. Maria Celeste de Sousa*
Doutora em Filosofia pela Pontificia Universidade Católica - SP.
Professora da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF - e da
Rede Pública de Ensino do Ceará.